

## Os rumos epistemológicos da Geografia

Luis Guilherme MATURANO  
Área: Geografia

### Introdução

A geografia é uma ciência que ao longo de sua existência vem passando por várias transformações, principalmente no que se refere às questões epistemológicas. Seu processo de sistematização ocorre no século XIX, com ênfase nos geógrafos Ritter e Humboldt, onde, com sua metodologia positivista, formaram-se as bases para o estudo dessa disciplina.

Mas, foi com o alemão Friderich Ratzel e o francês Paul Vidal de la Blache, que a geografia ganhou status de ciência enriquecendo os fundamentos do saber/pensar geográfico, engendrados no seio do que conhecemos hoje como Geografia Tradicional. Após a segunda guerra mundial, o mundo começou a se transformar de maneira muito rápida, onde as teorias geográficas não estavam mais dando conta de explicar as questões referentes à geografia postas naquele momento. Não só a guerra, mas o modo de produção capitalista, a mecanização do campo e a grande explosão urbana (megalópole), fizeram com que o mundo entrasse em um verdadeiro “furacão” de transformações espaciais e, com isso, estabelecendo uma crise metodológica na geografia.

Destaca-se, a partir daí, o movimento de renovação da geografia, fixando-se em dois moldes: a Geografia Pragmática e a Geografia Crítica.

O autor que formulou uma das mais árduas críticas a Geografia Tradicional foi, sem dúvida, o geógrafo francês Yves Lacoste, com a obra: A Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra.

Nessa obra, Lacoste nos mostra que a geografia formula-se em dois planos: a “Geografia dos estados-maiores” e a “Geografia dos professores”. No primeiro plano, o autor revela que desde sempre, o foco principal do saber pensar o espaço está vinculado à idéia de dominação por parte de algumas minorias. No segundo plano, a “Geografia dos professores” aparece como uma cortina, ocultando todos esses propósitos elaborados pelos estados-maiores, além do mais, levantando dados importantes, independentemente do objeto (clima, vegetação, relevo, população), para que o Estado possa ter maior controle daquilo que lhes é conferido.

No que diz respeito ao conceito de região, tema relevante para o aprendizado dos estudos geográficos, Lacoste enfatiza o grande trabalho de Paul Vidal de La Blache, que mostrou, através de uma análise profunda das “realidades regionais”, as relações complexas que se fixaram ao longo da história entre os fatos físicos e humanos, tornando sua reflexão regional, uma possibilidade de reconhecimento imediato das “individualidades geográficas”.

É notório que a complexidade do conceito de região elaborado por la Blache, é fantasticamente inigualável, mas, a partir daí, devemos reconhecer que essa mesma análise regional recai sobre alguns pontos, principalmente no que se refere à paisagem, negligenciando análises políticas, econômicas e sociais. É, principalmente, por essas razões, que ainda discursamos, de forma errônea, que os aspectos físicos e humanos da geografia devem ser vistos como uma dicotomia. Nas palavras de Lacoste é possível observar que estes “geografismos” só levaram à carência epistemológica que vem se arrastando ao longo dos séculos.

Essa recusa à reflexão epistemológica ocorre porque desde o início houve certo desprezo por parte dos geógrafos pelas considerações abstratas, ocasionando sérios problemas à geografia.

Poder-se-ia dizer que efetivamente a geografia foi usada de modo estratégico político-militar. Sempre servindo de escudo para obter aquilo que era (é) essencial aos Estados-Maiores, a manutenção do status-quo. E, através disso, faz que esta ciência seja avaliada como enfadonha, inútil, principalmente, à esfera acadêmica.

Portanto, os geógrafos devem criticar, de maneira incisiva, como o espaço geográfico está sendo observado, e mostrar que, para ter uma representação mais nítida do mundo, é preciso levar em consideração os diferentes níveis de análise, e para cada um destes, a complexidade das relações intrínsecas entre os diversos conjuntos espaciais.

### **Metodologia**

A metodologia utilizada foi através de pesquisa metodológica embasada na obra: A Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra, Yves Lacoste, ou seja, um estudo dos paradigmas, crises, métodos e técnicas dominantes da produção científica geográfica.

### **Objetivos**

O presente trabalho visa demonstrar os caminhos que a geografia, enquanto ciência, percorreu ao longo dos séculos XIX e XX, destacando que no decorrer desse processo várias transformações aconteceram principalmente no que diz respeito às questões epistemológicas.

### **Resultados**

Hoje, no mundo globalizado em que vivemos, dificilmente conseguimos discernir aquilo que é certo ou errado, verdade ou mentira, essencial ou supérfluo, pois existem uma rede integrada de pessoas que alimentam, dia-a-dia, as disparidades sociais entre ricos e pobres. Na geografia vemos que isso não foi diferente.

Desde sua sistematização, o saber/pensar geográfico esteve vinculado àqueles que detinham o poder, e que dela usaram para a manutenção do domínio estratégico político-militar. Por esse motivo a geografia como disciplina escolar não passava de uma ciência enfadonha, inútil, pois esta era a principal finalidade, para que sua verdadeira essência não fosse revelada e com isso garantindo a manutenção do status-quo.

Portanto, os geógrafos devem munir-se de criticidade, para que o mundo seja representado com mais nitidez, buscando revelar cada vez mais as relações intrínsecas que transformam o espaço.

### **Referências bibliográficas:**

LACOSTE, Yves. **A geografia**: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Trad. Maria Cecília França. Campinas: Papirus, 1988.